

AMÓS OZ E FIMA

política e literatura (s)e(m) ressentimento

AMÓS OZ AND THE THIRD CONDITION: POLITICS AND LITERATURE AND/WITHOUT RESENTMENT

Maria Clara Castellões Oliveira*
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

RESUMO

Este artigo aborda a articulação entre política, literatura e ressentimento, valendo-se primordialmente do estudo das obras *Fima*, de Amós Oz, e *Ressentimento*, de Maria Rita Kehl. Ele parte de um sentimento de espanto diante da falta de congruência entre não só colocações de Erich Auerbach e Cynthia Ozick acerca do relacionamento dos povos grego e judeu com a literatura como também de posturas de filósofos de extração judaica sobre conceitos tais como o de alteridade, hospitalidade, amizade, perdão e ética e os conflitos que se desenrolam entre árabes e judeus no Oriente Médio. A literatura de Oz é vista, neste contexto, como um locus de exposição dessa incongruência, advinda de um excesso de memória, responsável pelo que ele chama de “síndrome de Jerusalém”, e que Kehl reconhece como ressentimento.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura, ressentimento, conflito entre árabes e judeus,
Fima, Amós Oz

INTRODUÇÃO

Este texto é uma resposta a uma pergunta que sempre esperei que me fosse feita por alunos da disciplina Literatura, Alteridade, Diáspora, que venho lecionando há algum tempo no Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, mas que jamais me foi dirigida. A despeito disso, há tempos venho procurando construir uma resposta para ela, o que me foi possível fazer quando aceitei o convite para abrir a 3ª. Jornada Interna do PPG-Letras: Estudos Literários da UFJF, em novembro de 2012. O convite, que solicitava um texto sobre

* ma.clara@terra.com.br

literatura e ressentimento, fez com que eu pudesse refletir com mais vagar sobre essa pergunta à luz do romance *Fima*, de Amós Oz, de textos ensaísticos desse autor e do livro *Ressentimento*, de Maria Rita Kehl. Não gostaria de antecipá-la, mas sim de dar chance de os meus leitores, a partir de minhas colocações iniciais, chegarem até ela ou aproximarem-se dela.

A PERGUNTA

Tenho discutido na disciplina Literatura, Alteridade, Diáspora os diferentes posicionamentos da crítica literária e da literatura em relação a conceitos como os de alteridade, hospitalidade, amizade, perdão e ética, lançando mão de pensamentos construídos por intelectuais de origem judaica.¹ Um dos primeiros textos que apresento a meus alunos é “A cicatriz de Ulisses”, que abre o livro *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (1998 [1946]), escrito pelo filólogo e crítico literário alemão Erich Auerbach (1892-1957) em 1935 – o primeiro ano de seu exílio em Istambul – e publicado em 1946, na Alemanha. Outro texto do qual me valho ao longo dessa disciplina é “Metaphor and memory” (“Metáfora e memória”), que foi trazido a público pela escritora, tradutora e crítica literária estadunidense Cynthia Ozick. Esse texto faz parte do livro *Portrait of the Artist as a Bad Character and other Essays on Writing* (*Retrato do artista como um personagem ruim e outros ensaios sobre a escrita*) e foi publicado em 1996. Os dois textos se aproximam na medida em que – embora não se reduzindo apenas a isso – contrapõem as diferentes maneiras pelas quais o povo grego e o povo judaico vivenciaram a realidade e a representaram em seus textos.

Na percepção de Auerbach, *A Odisséia* e a *Bíblia* seriam os representantes mais importantes das duas principais tradições que exercem influência na sociedade – e, conseqüentemente, na literatura – ocidental. Para esse autor, existem em *A Odisseia*, “fenômenos acabados, uniformemente iluminados, definidos temporal e espacialmente, ligados entre si, sem interstícios, num primeiro plano; pensamentos e sentimentos expressos; acontecimentos que se desenvolvem com muito vagar e pouca tensão”,² enquanto, na *Bíblia*:

[...] só é acabado formalmente aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão. Os pontos culminantes e decisivos para a ação são os únicos a serem salientados; o que há entre eles é inconsciente; tempo e espaço são indefinidos [...]; os pensamentos e os sentimentos permanecem não expressos: só são sugeridos pelo silêncio e por discursos fragmentários. O todo, dirigido com máxima e ininterrupta tensão para um destino e, por isso mesmo, muito mais unitário, permanece enigmático e carregado de segundos planos.³

¹ Esses e outros conceitos foram por mim trabalhados ao longo das pesquisas que realizei durante o meu pós-doutoramento, realizado entre 2010-2011, sob orientação de Márcio Orlando Seligmann-Silva, da UNICAMP. Nesse período, dei início ao projeto de pesquisa intitulado “A contribuição do pensamento tradutório judaico para a ética do traduzir na cena pós-moderna”.

² AUERBACH, A cicatriz de Ulisses, p. 9.

³ AUERBACH, A cicatriz de Ulisses, p. 9.

Em função disso, segundo o autor, enquanto *A Odisséia* exige uma análise, a *Bíblia* exige uma interpretação.

Por sua vez, Ozick, em “Metaphor and memory”, acabou contribuindo para a reativação da antiga – porém atual – distinção entre as duas principais tradições que exercem influência sobre o Ocidente, e oferecendo uma série de justificativas de caráter histórico para a existência de tal distinção, justificativas essas cujo essencialismo, em alguns momentos, não se pode deixar de reconhecer. Em sua concepção, enquanto, na construção de sua literatura, os gregos deram preferência à inspiração, os judeus se valeram da metáfora. A despeito de muitos considerarem os mitos as maiores e mais “espalhafatosas” de todas as metáforas e as interpretações de Delfos uma linguagem forjada por metáforas, “o que estava faltando na glória que era a Grécia era a metáfora”.⁴ Segundo ela, a inspiração tem sua gênese “na religião natural, ou, antes, na religião da natureza”,⁵ e, para ela, “na religião natural não existem metáforas; os gênios estão lá; a poesia ainda não nasceu”.⁶ Apesar de admitir que nenhuma outra civilização poderá se comparar à grega em termos de inteligência, Ozick afirmou que:

A inspiração não tem memória. A inspiração é espontaneidade; o seu oposto é a memória, que é a história como julgamento. [...]

[...] Os gregos, com todas as suas maravilhas, e a despeito da serenidade [do princípio] de “Nada em excesso”, eram brutalmente paroquiais. Esse povo arrebatadoramente civilizado mantinha escravos. Os gregos escravizavam os estrangeiros e outros gregos. [...] chamavam todos os estrangeiros de “bárbaros” [...]. [...] imputavam a todas as línguas estrangeiras o som animal de um grunhido ou de um latido: bar-bar, bar-bar.

[...] Eles se orgulhavam de menosprezarem o estranho. Não tinham pena do estranho. Tinham orgulho de odiarem seus inimigos. Como sociedade, nunca se deram ao trabalho de imaginarem o que significava ser o Outro; o forasteiro; o alienígena; o escravo; o oprimido; o sofredor; o proscrito; o oponente; o bárbaro que tem sentimentos e direitos. E isso aconteceu porque, como sociedade, eles não cultivaram a memória, ou procuraram qualquer metáfora histórica para conter a memória.⁷

Em sua percepção, foram os judeus, um povo “menos afortunado do que os gregos, e – talvez porque menos afortunado – coletivamente obcecado com a imaginação de

⁴ OZICK. Metaphor and memory, p. 320-321. “[...] what was missing in the glory that was Greece was metaphor.” Essa e as demais traduções desse texto foram feitas por mim.

⁵ OZICK. Metaphor and memory, p. 316. “[Its genesis] is in natural religion, or, rather, in the religion of nature.”

⁶ OZICK. Metaphor and memory, p. 316 (grifo da autora). “In natural religion there are no metaphors; the genii are *there*; the poetry is not yet born.”

⁷ OZICK. Metaphor and memory, p. 321-323. “Inspiration has no memory. Inspiration is spontaneity; its opposite is memory, which is history as judgment. [...] The Greeks, with all their astonishments, and in spite of the serenity of ‘Nothing in excess’ were brutally parochial. This ravishingly civilized people kept slaves. Greeks enslaved foreigners and other Greeks. [...] called all foreigners ‘barbarians’ [...]. [...] imputed to all foreign languages the animal sound of a grunt or a bark: bar-bar, bar-bar. [...] They were proud of hating their enemies. As a society they never undertook to imagine what it was to be the Other; the outsider; the alien; the slave; the oppressed; the sufferer; the outcast; the opponent; the barbarian who owns feelings and deserves rights. And this is because they did not, as a society, cultivate memory, or search out any historical metaphor to contain memory.”

piedade; ou, chamemo-la assim, com a imaginação da reciprocidade”,⁸ que inventaram a metáfora. A metáfora teria surgido, então, nas palavras de Ozick,

[...] porque trinta gerações de escravidão no Egito nunca foram esquecidas — embora não como uma forma de apego ao rancor. Deve-se fazer uma distinção entre apego ao rancor e memória; eles nunca são a mesma coisa. Porque o apego ao rancor era proibido à turba de ex-escravos. A mão que ajuda, diz o Êxodo, estende-se ao inimigo. [...] Os egípcios foram inimigos cruéis e opressores mais cruéis; os ex-escravos não esquecerão — não por rancor aos malfeitores, mas como um meio de entender o que é ser um forasteiro, um estrangeiro, um alienígena de qualquer espécie. Transformando a memória concreta da escravidão em uma metáfora universalizante de reciprocidade, os ex-escravos descobrem uma maneira de converter a imaginação em um instrumento moral sério.⁹

É aqui que se instala a pergunta que nunca me foi feita, mas cuja resposta, mesmo assim, eu gostaria de articular por escrito, para que a ela possa voltar quando, por acaso, algum de meus alunos a fizer para mim. Talvez essa pergunta já esteja instalada na mente do leitor que, neste momento, lê o meu texto. Ela é a seguinte: Por que cargas d’água, então, estão os judeus se comportando como o sabemos em solo israelense, deixando de transformar, nas palavras de Ozick acima transcritas, “a memória concreta da escravidão em uma metáfora universalizante de reciprocidade”, demonstrando profundo apego ao rancor?

Variações dessa pergunta encontram-se presentes reiteradas vezes nos textos do escritor, ensaísta e jornalista israelense Amós Oz. Efraim Nissam, o personagem cujo apelido – Fima – dá nome ao romance de Oz que comentarei ao longo deste texto, considera inconcebível que o povo judaico, de volta à sua própria terra, o antigo Sion, não consiga nela encontrar repouso e indaga-se: “Será que a doença já estava implícita na ideia sionista desde o começo? Não haveria meio de os judeus voltarem ao palco da história sem se transformarem naquela escória?”.¹⁰ Esse personagem, ele próprio um judeu, acredita que os judeus israelenses, por se considerarem membros de um povo eleito, sentem-se no direito e no poder de cometer contra os árabes palestinos atrocidades semelhantes às que foram cometidas contra o seu povo ao longo dos tempos. Em conversa com o pai, Fima diz: “Baruch, você é cego e surdo. Agora somos nós os cossacos, e os árabes são diariamente vítimas de pogroms; sim, todo dia, toda hora”.¹¹

⁸ OZICK. *Metaphor and memory*, p. 323. “[...] less lucky than the Greeks, and – perhaps because less lucky – collectively obsessed with the imagination of pity; or call it the imagination of reciprocity.”

⁹ OZICK. *Metaphor and memory*, p. 324. “[...] because thirty generations of slavery in Egypt were never forgotten – though not as a form of grudge-holding, a distinction should be drawn between grudge-holding and memory; they are never the same. As for grudge-holding, it was forbidden to the ex-slave rabble. The helping hand, says Exodus, reaches out to your enemy. [...] The Egyptians were cruel enemies and crueler oppressors; the ex-slaves will not forget – not out of spite for the wrongdoers, but as a means to understand what it is to be an outcast, a foreigner, an alien of any kind. By turning the concrete memory of slavery into a universalizing metaphor of reciprocity, the ex-slaves discover a way to convert imagination into a serious moral instrument.”

¹⁰ OZ. *Fima*, p. 95.

¹¹ OZ. *Fima*, p. 75.

Em artigo publicado no *The New York Review of Books* em 14 de novembro de 1996 e disponível *online*,¹² ao qual deu o título de “An Unholy War” (“Uma guerra não santa”), o próprio Oz diz o seguinte:

A paz não pode prevalecer quando Israel gradualmente abocanha o que resta da Palestina. A paz significa primeira e principalmente a aceitação do outro como um parceiro antes do que como um estorvo. Os palestinos não manterão uma terra natal para si mesmos derramando mais sangue israelense; eles já tentaram isso inúmeras vezes antes. Os israelenses, por sua vez, não viverão em paz a menos que cessem, de uma vez por todas, de transformarem a terra palestina em terra israelense.¹³

O DIAGNÓSTICO

No livro *Contra o fanatismo* (2004), que reúne conferências proferidas na Alemanha em 2002 e que foi trazido a público originalmente em inglês, com o título de *How to Cure a Fanatic* (*Como curar um fanático*), Oz, falando especificamente sobre a situação em Jerusalém, admite que:

Todos dizem que vieram a Jerusalém [...] para construí-la e para serem construídos por ela. De fato, alguns deles e algumas delas, judeus, cristãos e muçulmanos, socialistas, anarquistas, reformadores do mundo, realmente vieram a Jerusalém não tanto para construí-la, para serem construídos por ela, mas antes para serem crucificados, ou para crucificar [sic] outros, ou ambas as coisas. Há um transtorno mental reconhecido, uma doença mental designada “síndrome de Jerusalém”: as pessoas vão para Jerusalém, inalam o maravilhoso ar transparente da montanha e, em seguida, repentinamente, inflamam-se e põem fogo numa mesquita, numa igreja ou numa sinagoga. Ou, de outra forma, tiram as roupas, sobem numa pedra e começam a profetizar. Ninguém escuta, jamais. [...] Todo mundo grita, ninguém escuta, jamais.¹⁴

Acredito que essa “síndrome de Jerusalém”, que se espalhou por todo o país, é causada pelo ressentimento, tal como o aborda Maria Rita Kehl, psicanalista, crítica literária e escritora brasileira, em livro que tem esse sentimento por título (2011 [2004]). Para essa autora, o ressentimento “é uma categoria comum que nomeia a impossibilidade de se esquecer ou superar um agravo”.¹⁵ Nesse sentido, enquanto a maior parte dos judeus exilados construíram estratégias de sobrevivência semelhantes às descritas por Ozick e vêm legando à humanidade um pensamento relevante e consistente sobre, por exemplo, a alteridade, a hospitalidade, a amizade, o perdão e a ética, haja vista a atuação

¹² Disponível em: <<http://coursesa.matrix.msu.edu/~fisher/hst372/amosoz101796.html>>. Acesso em: 1 nov. 2012.

¹³ OZ. *An unholy war*, s. p. “Peace cannot prevail when Israel gradually gnaws at what is left of Palestine. Peace means first and foremost accepting the other as a partner rather than as a nuisance. The Palestinians will not retain a homeland for themselves by shedding more Israeli blood; they have tried this numerous times before. The Israelis, for their part, will not live in peace unless they cease, once and for all, to turn Palestinian land into Israeli land.” Essa e as demais traduções desse artigo foram feitas por mim.

¹⁴ OZ. *Contra o fanatismo*, p. 15-16.

¹⁵ KEHL. *Ressentimento*, p. 14.

de intelectuais como Emmanuel Lévinas, Hannah Arendt e Jacques Derrida, grande parte dos que abraçaram a causa sionista – ou pelo menos uma parte influente desses – não tem conseguido transformar “a memória concreta da escravidão em uma metáfora universalizante de reciprocidade”.¹⁶ Ao contrário, esses sionistas não escaparam do ressentimento. Tal hipótese encontra respaldo nas palavras de Kehl, quando ela afirma que “mesmo nos casos em que a derrota é imposta à força e a reação é objetivamente impedida, é possível que o adiamento prolongado da ação ameace arrefecer a disposição à luta. Nesses casos, a manutenção ativa da memória do agravo, que em um primeiro tempo é necessária para alimentar a disposição dos revoltosos, pode degenerar em predisposição ao ressentimento”.¹⁷

Fima percebe esse estado de coisas de tal forma que o principal motivo de sua revolta reside no fato de seus conterrâneos, em sua maioria, deixarem-se levar pela ideia de que a sua história encontra-se escrita nos textos sagrados e de que nada que façam pode alterar o que já se encontra traçado pelo destino. Exasperado diante do aprisionamento imposto ao povo judeu por sua própria história e pelo excesso de apego ao Livro, ao *Antigo Testamento*, ele faz coro aos que clamam por “prioridade aos judeus e não ao judaísmo; prioridade aos vivos, não à herança ancestral”.¹⁸ Além disso, em seus devaneios, ele pergunta a Deus: “Por que o Venerável nos colocou aqui? Por que nos escolheu? Por que escolheu Jerusalém?”.¹⁹ Na verdade, ele acredita que “ser esquecido por Deus não significa necessariamente estar perdido, ao contrário, pode significar tornar-se leve e livre como um lagarto no deserto”.²⁰

Por outro lado, assim como Oz se rebela contra os “argumentos de segurança nacional”²¹ utilizados para justificarem atos que não passam de um “autismo religioso e nacionalista”,²² Fima se rebela contra a retórica jornalística que, repetindo o discurso dominante, atribui um crime à arma e não àquele que a dispara. Diz o personagem: “essa linguagem poluída nos afirmava constantemente que a culpa era do rifle, das circunstâncias que estavam sendo investigadas, da bala plástica, como se todo o mal fosse culpa do Céu e tudo fosse predestinado”.²³ Ele também questiona o motivo de ele, seus amigos e os demais judeus que não concordam com a política separatista em relação aos árabes continuarem a se referir ao povo judeu como um todo, utilizando generalizadamente o pronome *nós*, até mesmo quando nazistas conhecidos se referem a si próprios utilizando o pronome *eles*. Em conversa com Tsvika, seu amigo e professor de História na Universidade de Jerusalém, Fima diz:

¹⁶ OZICK. *Metaphor and memory*, p. 324.

¹⁷ KEHL. *Ressentimento*, p. 21.

¹⁸ OZ. *Fima*, p. 159.

¹⁹ OZ. *Fima*, p. 243.

²⁰ OZ. *Fima*, p. 199.

²¹ OZ. *An unholy war*, s. p. “[...] national security arguments [...]”

²² OZ. *An unholy war*, s. p. “[...] nationalistic and religious autism [...]”

²³ OZ. *Fima*, p. 18.

[...] me explique só uma coisa, Tsvika. Por que esse Grass insiste em se referir aos nazis como “eles”, enquanto você e eu, esses anos todos, sempre que escrevemos sobre a opressão nos Territórios até mesmo sobre a Guerra no Líbano, sempre e sem exceção usamos o pronome nós? E Grass chegou realmente a ser um soldado nazista! Vestiu o uniforme da Whermacht! [...] Usava suástica e tinha que fazer a saudação nazista todas as manhãs, e berrar “Heil Hitler” junto com todos os outros. E agora diz “eles”. Ao passo que eu, que jamais pus os pés no Líbano, que nunca servi nos Territórios, de modo que a minha consciência está mais limpa que a de Günter Grass, digo e escrevo regularmente “nós”. “Os nossos erros”. E até mesmo “o sangue inocente que nós derramamos”. O que significa esse “nós”? Algo que restou da Guerra da Independência? [...] Que história é essa de “nós”? Em todo caso, quem é esse “nós”? [...] Talvez tenha chegado o momento de você e eu e todos nós seguirmos o exemplo de Grass e Böll. Talvez devamos todos começar a dizer, de forma consciente e enfática: “eles”...²⁴

O TRATAMENTO

A literatura tem sido, para Oz, uma arma vital contra o conflito entre judeus israelenses e árabes palestinos, ou seja, para ele, ela tem se constituído um espaço de luta contra o ressentimento, de intervenção política. Isso se dá porque, como ele mesmo reconhece, “a literatura contém um antídoto ao fanatismo ao injetar imaginação em seus leitores,²⁵ sendo “a necessidade de contar uma história, de imaginar o outro, de colocar-se na pele de outra pessoa, [...] não apenas uma experiência ética, não apenas uma grande prova de humildade, uma boa diretriz poética, mas, afinal – [...] – trata-se, também, de um enorme prazer”.²⁶

Desse modo, não é de se surpreender que, para Fima, a saída para a situação em Israel, ou seja, a paz nesse país, deve ser alcançada com cuidado e com passos pequenos e bem pensados. De acordo com seu ponto de vista, os judeus israelenses devem reconhecer “a profundidade do sofrimento pelo qual têm passado os árabes palestinos durante os últimos quarenta anos”²⁷ e propor-se a “colocar um ponto final nesta situação”,²⁸ fazendo “qualquer coisa razoável, menos cometer suicídio”.²⁹ Não se pode mais deixar que os árabes façam os trabalhos pesados e menos especializados, enquanto os judeus ficam “sentados conversando sobre o Leviatã e o touro selvagem”,³⁰ acreditando que aqueles lhes devam ser agradecidos por terem recebido o privilégio de limparem “os esgotos do povo eleito até a chegada do Messias”.³¹

Em suma, Fima repudia o comportamento de seus compatriotas, o qual contraria todos os preceitos filosóficos sobre a convivência com o Outro pregados por importantes pensadores ocidentais, a grande parte deles de extração judaica, e sugere, ele mesmo,

²⁴ OZ. *Fima*, p. 174.

²⁵ OZ. *Contra o fanatismo*, p. 33.

²⁶ OZ. *Contra o fanatismo*, p. 105.

²⁷ OZ. *Fima*, p. 46-47.

²⁸ OZ. *Fima*, p. 47.

²⁹ OZ. *Fima*, p. 47.

³⁰ OZ. *Fima*, p. 180.

³¹ OZ. *Fima*, p. 180.

uma possível solução para a situação ao indagar: “Será que toda criança maltratada precisa necessariamente se transformar num adulto violento? E não seríamos já escória antes de retornarmos ao palco da história? Temos que ser sempre ou vítimas ou algozes? Não existe uma terceira alternativa?”.³²

O discurso que Oz vem produzindo para além das fronteiras da literatura tem sido semelhante ao de Fima. Para ele, solucionar os problemas encontrados em solo israelense significa “aceitar os outros, respeitar sua posição e *encontrá-los em algum lugar no meio do caminho*”.³³ Uma prova disso é o título por ele conferido em hebraico ao romance que aqui estou abordando, cuja tradução literal para o português seria *A terceira condição* e que recebeu, em inglês, o título de *The Third Condition*. Além disso, em *Contra o fanatismo*, Oz esclarece que:

O que precisamos é de um acordo doloroso. E, como já disse, a palavra acordo tem uma reputação terrivelmente ruim na sociedade europeia. Especialmente entre idealistas jovens, que sempre encaram acordo como oportunismo, como algo desonesto, algo servil e obscuro, como uma síndrome de falta de integridade. Não em meu vocabulário. Para mim, a palavra acordo significa vida. E o contrário de acordo é fanatismo e morte. Precisamos de um acordo. Acordo, não capitulação. Um acordo significa que o povo palestino não deveria nunca ficar de joelhos, nem o povo judeu israelense.³⁴

Como percebeu Kehl, discorrendo, ela também, sobre as posturas de Oz a respeito das tensões entre judeus israelenses e árabes palestinos, a proposta de um acordo entre duas parcelas da população que estão ambas certas em suas reivindicações de posse da mesma terra – ou de parte dela – “pode apontar para a cura do ressentimento social” (p. 316).³⁵ Em suas palavras, “é possível que uma solução de compromisso [eu diria, de acordo] bem negociada possibilite que as vítimas de ambos os lados possam descansar um pouco do excesso de memória provocado por um agravo sem solução. Isto exige um trabalho coletivo de (re)simbolização, para impedir que o trauma histórico produza ressentimento, fanatismo ou outras formas de ‘abusos da memória’”.³⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha expectativa, ao término deste texto, é a de, com a ajuda de Amós Oz, de Fima – em certa medida alter ego desse escritor –, e de Maria Rita Kehl, ter conseguido responder a pergunta que nunca me foi feita, mas que sempre me inquietou, pergunta essa que reflete minha surpresa diante da disparidade entre o discurso de intelectuais

³² OZ. *Fima*, p. 95, meu grifo.

³³ OZ. *An unholy war*, s. p., meu grifo. “[...] accept the others, respect their position, and meet them somewhere halfway [...]”

³⁴ OZ. *Contra o fanatismo*, p. 49. Reconheço a minha interferência na reprodução dessa citação do livro de Oz em português. Substituí a palavra “compromisso”, utilizada como tradução de *compromise*, pela palavra “acordo”.

³⁵ KEHL. *Ressentimento*, p. 316.

³⁶ KEHL. *Ressentimento*, p. 317.

judaicos sobre conceitos como os de alteridade, hospitalidade, perdão e ética, e as atitudes violentas de parte significativa de judeus israelenses, que, em vez de se empenharem na transformação da “memória concreta da escravidão em uma metáfora universalizante de reciprocidade”,³⁷ nos termos de Ozick, vêm demonstrando um profundo apego ao rancor, tratando a sua história e a memória dessa história com um ressentimento exacerbado.

Oz tem procurado realizar, através dos textos que produz como escritor, ensaísta e jornalista, um trabalho de desconstrução de uma memória rancorosa, ativada excessiva e incessantemente, cujo resultado, como ele almeja, pode vir a ser um antídoto contra o fanatismo e, acredito eu, agora respaldada pelas percepções de Kehl, contra o ressentimento. Fima, reverberando as palavras de seu criador, defende que só uma política de arrefecimento da memória poderá conduzir o povo de Israel ao descanso na terra pela qual vêm lutando há mais de dois mil anos. Em seus devaneios, ele se vê conversando com o primeiro-ministro israelense e o incitando a agir no sentido de permitir “Que o povo judeu comece a viver como uma nação que encontrou repouso na sua própria terra, e revele a longo prazo os poderes inatos de criatividade e renovação soterrados sob camadas escuras de medo e ressentimento, pogroms, perseguições, aniquilação”.³⁸

De qualquer modo, o processo de cura do excesso de memória, que conduz ao que Oz chama de “síndrome de Jerusalém” e que Kehl reconhece como ressentimento, é longo, pois, a despeito de seu inflamado discurso sobre a necessidade de os judeus mudarem o rumo de sua história presente e de suas sensatas soluções para tanto, Fima não consegue, ele próprio, ultrapassar as fronteiras de uma vida medíocre, sair do estado de letargia no qual se encontra. A abordagem desse outro aspecto da história, no entanto, foge ao escopo do trabalho que me propus a realizar.



ABSTRACT

This article deals with the articulation of politics, literature and resentment, relying mostly on the study of the works *The Third Condition*, by Amós Oz, and *Ressentimento*, by Maria Rita Kehl. It is motivated by a feeling of astonishment in relation to the lack of congruence among not only the ideas of Erich Auerbach and Cynthia Ozick when it comes to the relationship between the Greeks and the Jews with literature, but also the postures of Jewish extraction philosophers on concepts such as those of alterity, hospitality, friendship, forgiveness and ethics and the conflicts between Arabs and Jews that occur in the Middle East. The literature produced by Oz is seen, in this context, as a locus of exposition of such incongruence, which is a result of an excess of memory, responsible for what he calls “Jerusalem syndrome”, and for what Kehl recognizes as resentment.

³⁷ OZICK. Metaphor and memory, p. 324.

³⁸ OZ, *Fima*, p. 222.

KEYWORDS

Literature, resentment, conflict between Arabs and Jews,
The Third Condition, Amós Oz

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. In: _____. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998 [1946]. p. 1-20.
- KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011 [2004].
- OZ, Amós. An unholy war. Disponível em: <<http://coursesa.matrix.msu.edu/~fisher/hst372/amosoz101796.html>>. Acesso em: 1 nov. 2012.
- OZ, Amós. *Contra o fanatismo*. Trad. Denise Cabral. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004 [2002].
- OZ, Amós. *Fima*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 [1991].
- OZICK, Cynthia. Metaphor and memory. In: _____. *Portrait of the artist as a bad character and other essays on writing*. London: Pimlico, 1996. p. 311-329.